



e-ISSN 2357-9854

Diálogos entre o Ensino de Artes Visuais no Brasil e em outros contextos

Como diz Mónica D. Sánchez Aranegui da Universidad Complutense de Madrid, Espanha, em seu artigo nessa revista: “ Vivemos num mundo em constante mudança, sem um guia que nos ajude a elaborar adequadamente toda a informação visual que consumimos ao longo do dia.” É certo que o século XXI trouxe mudanças significativas em nossa vida. Mudanças que foram sendo gestadas durante o atribulado século XX. Só para nos situarmos nessa grandeza: passamos do paradigma da ciência para o paradigma do conhecimento e da informação.

Já iniciamos o século XX com complexidades significativas trazidas pelos filósofos pragmatistas norte-americanos, por um lado a construção de um sistema semiótico (Pierce, 1839-1914) que ficou conhecido como uma nova ciência, a ciência dos signos, e por outro a articulação entre a pedagogia e a política trazida por um filósofo com ideais democráticos (Dewey, 1859-1952), sendo ambos voltados para as questões sociais e desenvolvimentistas. E esse início marcou diversos desenvolvimentos, em diferentes tempos definidos por distintas geografias.

Passamos no século XX por rompimentos profundos que nos levaram a questionar, reiteradamente, a existência humana e também as perspectivas de continuidade e evolução. A Arte e a Pedagogia trilharam caminhos próprios que, por vezes se cruzaram, e nestes cruzamentos foram sendo elaborados novos percursos que transformaram as duas áreas de conhecimento. Alguns percursos criaram possibilidades para a Arte e a Pedagogia se afirmarem como estratégias de resistência, facilitando diálogos criativos e disruptivos com as tecnologias contemporâneas, a centralidade da imagem na vida cotidiana, as estruturas sociais injustas, e a relação entre criatividade e democracia.

Ecoando este contexto dinâmico de frequentes transformações, os artigos que compõem o número 3 do volume 5 da Revista Gearte examinam estratégias sobre as

possibilidades do diálogo na Arte e na Educação. Os pesquisadores repercutem na forma de construir os discursos, nas necessidades impostas pelas transformações que ocorrem no mundo, nos atropelamentos que vivenciamos, diariamente, em “nosso admirável mundo novo” como forma de nos ultrapassar, deixando-nos para trás e, por vezes, estarecidos ou estupefatos, e ainda, na tentativa de resolver problemas que são comuns a todos nós que passamos a viver nesse mundo de conhecimento e informação, onde a sociedade tornou-se plural, abarcando as diferenças de um mundo conectado e imediato, que passou a ser mediatizado por uma tecnologia que trata de se imiscuir alcançando a todos.

Por vezes, fica clara a tentativa de resgate, por outra é no vislumbre de novos horizontes, ainda não desbravados, que vimos situarem-se as posições aqui fixadas. Teresa Torres de Eça da Universidade Aberta de Lisboa, Portugal, nossa primeira marca nesse mapa que vai a ser aqui desdobrado, apresenta uma reflexão sobre a educação artística a partir de um olhar sobre concepções de Arte do século XX em abordagens que foram passadas ao currículo das artes visuais nas escolas de vários países. E, por fim, a pesquisadora apela para a urgência de voltar a integrar a dimensão emocional, inerente ao bem-estar nas situações de aprendizagem através da arte, resgatando desse modo a experiência, mas a propor esse resgate em uma outra geografia ao utilizar a metáfora: Do outro lado do espelho: na aula de artes visuais.

A passagem do século XX para o século XXI marca também uma profunda mudança que caracteriza um novo milênio, que faz emergir uma geração de jovens com uma ligação peculiar à tecnologia e às redes sociais digitais. Vesta Daniel e Tanisha Jackson da Ohio State University, Ohio, propõem em seu artigo: Imagens Visuais e Visão do Mundo em um Espaço Milenial Auto-Reflexivo: Arte Educação como Catalisador, o conceito da aprendizagem transformativa de Mezirow (1991) aplicado a arte educação. Essa teoria somada a exemplos de currículos críticos envolvendo a mídia digital, oferecem modelos instrutivos de como facilitar o processo de mudança de perspectiva com alunos de vários contextos culturais. As autoras buscam transformar perspectivas individuais sobre eventos sociais, a partir da ampliação da visão crítica que leve a uma perspectiva mais abrangente.

Refletindo a necessidade de posicionar o processo educativo dentro de uma rede global, a narrativa pessoal de Karen Hutzel, Department of Arts Administration, Education and Policy - The Ohio State University, examina o desenvolvimento de uma parceria internacional, que resultou no aprimoramento da educação artística na Jamaica e nos Estados Unidos, e ampliou o entendimento das identidades culturais dos alunos de cada país, possibilitando uma renovada colaboração e parceria entre as instituições nos dois países. Para Hutzel o compartilhamento do conhecimento através de varias perspectivas socio-culturais permitiu aos participantes o cruzamento de noções a respeito de cada país levando à reflexão sobre suas próprias identidades culturais, realidades, possibilidades e limitações como artistas e educadores de arte.

Pensar em diferentes realidades e limitações nos leva às diferentes linguagens da arte e às possibilidades de diálogo entre elas. Kimber Andrews e Flávia Bastos da Universidade de Cincinnati documentam e discutem num ensaio visual as suas experiências ensinando Dança na Cidade. Buscando um diálogo provocador entre movimento e artes visuais, este curso examina múltiplas dimensões, contextos e propósitos da dança apresentando uma pedagogia inovadora. As pesquisadoras demonstram como a trajetória especulativa de cada aluno pode levar a imaginar e incorporar diferentes maneiras de conhecer a arte, a dança e o mundo que podem ter um impacto nas práticas futuras em educação artística e estética.

Dionne Custer Edwards, educadora do Wexner Center, um centro de arte contemporânea associado a Ohio State University, preocupa-se com aprendizagens globais. Seu artigo é uma reflexão sobre um programa de extensão oferecido às escolas locais que permite a alunos participarem em aprendizagem culturais globais através das artes, *WorldView: Interseções Culturais em Arte Contemporânea*. O artigo examina os métodos e práticas do programa, apresentando *WorldView: Brazil*, uma colaboração programática do Wexner Center que provocou uma expansão a partir de uma exposição sobre arte contemporânea brasileira, criando uma experiência de aprendizado que integrou arte, cultura, identidade, estudos sociais, e humanidades.

Transculturalismo e colaboração foi o tema desenvolvido por Karen Keifer-Boyd, da Pennsylvania State University, em uma estratégia pedagógica crítica que

expõe condições sistêmicas e ambientais, e aborda a criatividade como um processo social denominado Diálogo Transcultural. Nesse processo a pesquisadora constrói relacionamentos, que se transformam em conteúdo para uma comunidade criar arte colaborativa com base no próprio diálogo do grupo. Como professora de arte-educação nos Estados Unidos, em 2007, ela passou a facilitar Diálogos Transculturais com alunos e colegas na Makerere Universidade em Kampala, Uganda, e na Universidade de Helsinki. Em seu texto Keifer-Boyd apresenta teorias, conceitos, estratégias e exemplos de Diálogo Transcultural sobre cultura visual contemporânea, práticas culturais em relação a lugares particulares, e uma pedagogia projetada para acabar com suposições, ignorância e mal-entendidos conforme diz a autora. Para ela o ato de construção de significado das práticas microculturais pode sustentar, bem como mudar as crenças macroculturais. Nesse sentido, Diálogo Transcultural é crítica cultural performativa, arte colaborativa, e comentário sobre obras de arte por aqueles envolvidos no Diálogo Transcultural.

Ryan Shin da University of Arizona, descreve um projeto de diversidade e educação em justiça social, em que seus alunos conduzem uma pesquisa de objetos étnicos em Tucson, Arizona. O texto intitula-se “Objeto Étnico de Pesquisa na Comunidade para Fomentar a Aprendizagem Interétnica”. O projeto apresenta objetivos educacionais que incluem: superar a ansiedade social interétnica, desfazer equívocos e estereótipos, proporcionar a aprendizagem auto-reflexiva e desenvolver a empatia. Usando objetos como guias na investigação e facilitadores de diálogo, o autor oferece um modelo viável para promover investigações culturais relevantes que são sustentadas pela curiosidade e questionamento dos participantes sobre seus próprios pontos de vista e cultura.

Alice Wexler da State University of New York at New Paltz, em seu texto se debruça sobre as consequências das transformações entre identidade, propriedade social, individualidade, trabalho e valor surgidas a partir do capitalismo criacionista originado do capital digital. Uma plataforma global digital, a Second Life, que a partir da pesquisa de Davis e Boellstroff que atribui seus espetáculos mais inovadores à comunidade deficiente, possibilitou que se possa considerar a Second Life como uma oportunidade para essa comunidade se envolver na economia criativa, quando o

emprego na vida real não está disponível. Seu artigo explora os efeitos globais da Second Life na vida de pessoas com deficiências que passaram vários anos interagindo com avatares em comunidades virtuais que congregam pessoas com deficiências. No artigo, a deficiência é definida não apenas como um fenômeno social, mas também como uma realidade incorporada. Desse modo, o corpo do avatar em um espaço virtual é o principal local de exploração que busca entender os efeitos das estruturas que controlam, regulam, e excluem corpos deficientes.

O objetivo do trabalho de Bernardo Bustamante Cardona da Universidad de Antioquia, Medellín/Colômbia visa descrever as contribuições da relação Brasil - Colômbia no complexo sistema entre Arte e Pedagogia que se concretiza na troca de ideias e pessoas -pesquisadores e professores. O trabalho intitula-se “O enriquecimento do espaço controverso entre Arte e Pedagogia a partir do intercâmbio de conhecimento entre Brasil e Colômbia no sistema complexo da Arte e Pedagogia”. O autor propõe uma revisão do nível compreendido pela epistemologia, teorias e métodos, chegando, à guisa de conclusão, à apresentação de um gráfico desse espaço controverso entre Arte e Pedagogia.

Para Pilar Pérez Camarero da Universidad Autónoma de Madrid, Espanha, na Educação Artística os valores são fundamentais e o trabalho de autoconhecimento é primordial para desenvolver o trabalho do educador. Sendo assim é possível utilizar o espaço da educação artística para reflexão ética. Para a pesquisadora, a partir da arte é possível encontrar um caminho interdisciplinar que nos fala da humanidade e nos faz criaturas socialmente conscientes da tradição herdada, do presente e do futuro que construímos todos os dias. A autora ao visitar salas de aula de diferentes lugares do mundo, observou que um dos principais problemas na educação é a sua utilização como moeda de troca por políticos, e uma das suas maravilhas, é o que os professores e estudantes podem fazer, criando universos paralelos, no tempo utópico de suas aulas. Em seu texto apresenta um experimento realizado com estudantes de Educação Artística na Universidade Autónoma de Madrid, denominado “Enfrentar o problema do mal através de uma experiência de sala de aula: Branca de Neve e os predadores internos/externos da psique”, sendo que o conto de fadas “Branca de

Neve” ajuda a focar em uma questão que a pesquisadora considera fundamental no ser humano: o problema do mal.

Iniciamos o texto de apresentação com uma citação de Mónica D. Sánchez Aranegui da Universidad Complutense de Madrid, Espanha que também nos inseriu no universo de mudança em que nos encontramos. É significativo que Aranegui venha nos falar de caminho e de formas de ser e estar a caminhar, mesmo que para isso ela proponha o inverso, ou seja, parar para refletir sobre o que vemos, pois isso, para a autora, possibilita que o pensamento se construa através da reflexão e da integração. Dessa forma o caminho se faz da imagem à emoção, da emoção ao pensamento. E é assim que a autora pretende nos dizer como abandonar o estado passivo, deixando de relegar o ser a um segundo plano, no sentido de manifestar nossa própria essência como um caminho de descoberta e de própria evolução, para aprender, no sentido amplo da palavra, ao mesmo tempo em que nos permitimos desaprender.

E, por fim, o último texto que compõe este número da Revista Gearte nos traz a presença dos ateliês em um estudo de caso de ateliê de Arte/Educação para educação infantil, com três diferentes grupos de crianças entre 2 e 8 anos, em uma experiência realizada em Madri, Espanha. O contexto parte de uma história e de imagens de animais de diferentes artistas, sendo que o ateliê, inicialmente, recebia o nome de “Os cavalinhos”; mas, com o tempo, transformou-se em “Bichos de brincar”, privilegiando o brincar. Dessa forma, De cavalinhos a bichos de brincar: arte/educação em ateliês de arte para crianças na Espanha, é um texto em que Rita María Noguera Ricardi e Daniella Zanellato da Universidade de São Paulo, São Paulo – Brasil, também desenvolvem a sua proposta tendo por base a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa e a Pedagogia Sistêmica Fenomenológica, com enfoque de Bert Herllinger.

Além dos artigos aqui apresentados, definidos no formato de textos escritos, a revista traz um ensaio visual de Umbelina Maria Duarte Barreto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, que tem um formato visual, mas, também se utiliza da palavra escrita ao abordar a Educação Artística em Portugal e a Arte/Educação no Brasil, a partir de um lócus privilegiado: o VII Congresso Matéria-

Prima realizado em Lisboa, Portugal, em 2018. Talvez esta mescla faça jus aos diálogos que estão postos na temática do número. E, nesse caminho, o ensaio propõe uma reflexão que inicia justamente com uma pergunta, que funciona como uma chave de abertura. E segue com questões que colocam o discurso educativo e buscam as epistemologias da arte que o constituem, sempre em diálogos visuais e escritos que nos remetem à oralidade. A sua exposição está mediada por uma seleção que atende a alguns objetivos traçados a partir do tema do Congresso: Transformar, criar, desafiar. E ao focalizar a relação Brasil/Portugal enfatiza a Arte/educação e a Educação artística, relacionando semelhanças e diferenças nas práticas de ensino da arte apresentadas no Congresso como uma das possibilidades da experiência reflexiva realizada na leitura.

Em conjunto, estes textos, pesquisas e ensaios visuais insinuam relações entre o ensino de artes visuais no Brasil e em vários outros contextos, incluindo autores cujas vozes representam as culturas de Portugal, dos Estados Unidos, da Jamaica, da Coreia, da Colômbia, da Espanha e do Brasil, e também as realidades transnacionais das redes sociais e das comunidades digitais. Através de explorações artísticas e criativas, os autores e organizadores deste número da GEARTE dialogam com uma tradição pragmatista que visa promover resultados observáveis. Apostamos que estes vários diálogos sugeridos aqui entre a arte educação no Brasil e em outros contextos irão inspirar abordagens críticas ao ensino e a pesquisa de arte neste nosso conturbado momento presente. Consideremos a importância de revisar a herança de Dewey do século XX que afirmava o valor da arte como experiência e que pode oferecer uma direção flexível e robusta para as explorações necessárias neste momento atual.

Profa. Dra. Flávia Maria Cunha Bastos¹

(University of Cincinnati — UC,
Cincinnati, Estados Unidos)

Profa. Dra. Umbelina Maria Duarte Barreto²

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul
— UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)

Organizadoras do presente número.

¹ É professora de Artes Visuais na Escola de Arte da Universidade de Cincinnati. Sua pesquisa e formação universitária têm raízes brasileiras por meio de experiências com a diversidade social e cultural e inspiração na filosofia do educador Paulo Freire. Assim, as práticas de arte-educação são alimentadas por ideias da educação que exaltam o potencial artístico e celebram as possibilidades das pessoas. Seus interesses de pesquisa atuais envolvem o relacionamento entre criatividade e democracia. Suas realizações mais recentes incluem a diretoria do Conselho de Estudos Políticos em Arte Educação (2018-21), e a formação Associação de Professores Latinos na Universidade de Cincinnati. Foi diretora da Divisão de Educação Superior da Associação Nacional de Arte Educação (2013-15); recebeu, em 2009, o Prêmio Ziegefeld da Sociedade Internacional de Educação pela Arte (InSEA) por seu distinto trabalho internacional em arte-educação e, em 2007, o prêmio Mary J. House Award da National Art Education Association Women's Caucus. Foi editora sênior do Journal of Art Education (2008-10) e já publicou e lecionou extensivamente nos Estados Unidos e em outros países, como África do Sul, Brasil, Chile, Indonésia, Espanha e Portugal. Suas publicações incluem os livros: *Transforming City Schools through Art: Approaches to Meaningful K-12 Learning*, um volume coeditado e publicado por Teachers College Press (2012), e a antologia *Connecting Creativity Research and Practice in Art Education: Foundations, Pedagogies, and Contemporary Issues* lançado recentemente pela National Art Education Association. E-mail: flavia.bastos@uc.edu

² Possui Graduação em Artes Plásticas - Habilitação Desenho e Pintura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCR) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora aposentada do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Possui experiência na área de Artes Visuais, com ênfase em Desenho e Pintura, e tem realizado produção regular em poéticas visuais, além de exposições no Brasil e no Exterior. Na pesquisa tem atuado, principalmente, nos seguintes temas: Ensino e Pesquisa da Linguagem do Desenho e Ensino e Pesquisa em Semiótica Discursiva. Tem realizado pesquisas na área de Semiótica, Filosofia da Arte e Epistemologia da Arte. Tem atuado na Educação a distância e na Iniciação à Docência e desenvolve pesquisa relacionada a Estudos Curriculares de Cursos de Formação em Artes Visuais, Graduação e Pós-Graduação, tendo participado da elaboração do Projeto Pedagógico de Curso de Artes Visuais da UFRGS e coordenado a elaboração do Projeto Pedagógico de Licenciatura em Artes Visuais modalidade à distância da UFRGS - REGESD - PROLICEN 2. Tem pautado a sua vida acadêmica na UFRGS na indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, e tem contribuído ativamente para a melhoria da Universidade atuando em cargos administrativos e acadêmicos. E-mail: umbelina.barreto@ufrgs.br